



## REPRESENTAÇÕES DE UM CLUBE: O ESPORTE CLUBE BAHIA DE 1930 A 1960.

Henrique Sena dos Santos\*

### Resumo:

Pretende-se nesta pesquisa investigar as representações socioculturais em torno do Esporte Clube Bahia nos seus primeiros 30 anos. Fundado em 1931, o Bahia, em seus primórdios, é caracterizado pela elite soteropolitana que se encontra presente tanto na composição do time bem, como no perfil de sua torcida. O clube, no entanto, rapidamente adquire proporções de fenômeno de massa, atingindo o ápice da popularização em 1960, com a conquista de um título nacional, constituindo, neste contexto, novas representações. Entendendo o futebol como uma prática cultural que produz e reproduz significados, busca-se entender o Bahia enquanto um texto, passível de ser lido e representado de variadas formas, condizentes com a subjetividade histórica dos sujeitos. Neste sentido, este texto cerca-se das noções teóricas sobre práticas e representações culturais de Roger Chartier e de identificação de Stuart Hall. Tais conceitos são usados na tentativa de perceber como as representações sociais do Bahia, idealizadas pelas elites e classes populares resultam em múltiplos processos identitários.

**Palavras-chave:** Futebol, Esporte Clube Bahia e Identidade Cultural.

### Introdução

Assim como o Turf, mais conhecido como corrida de cavalos, e o remo, as principais práticas esportivas do início do século XX no Brasil, o futebol, estaria ligado ao grande projeto de modernização da sociedade burguesa brasileira, que se apresentava mais fortemente sob a forma de urbanização das grandes cidades.<sup>1</sup> Trazido por filhos de ingleses como Charles Miller para São Paulo, Oscar Cox, Rio de Janeiro e Zuza Ferreira, para Salvador, o futebol em seu princípio era praticado apenas pelas elites das sociedades brasileiras, caracterizando em uma prática que distinguia socialmente a elite burguesa dos outros segmentos sociais, como os pobres e operários.

Partindo pela idéia de distinção social<sup>2</sup>, o futebol e os outros esportes representavam uma cultura física de exaltação de corpos esteticamente belos. Esta cultura física estaria intimamente ligada ao processo de urbanização por qual passavam as grandes cidades. A urbanização exige assim uma nova cultura física masculina e

---

\* Graduando em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana – email: henrisena@hotmail.com

<sup>1</sup> Sobre a Urbanização na Bahia ver: LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana: Salvador, 1912-1916*. Salvador, 1996. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH,

<sup>2</sup> ELIAS, Norbert, DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

feminina, novas atividades e novas formas de apresentação corporal próprias à cidadania que se instituiu nas cidades grandes<sup>3</sup>. No que diz respeito ao futebol, a sua prática reafirmaria os valores modernos e civilizados da incipiente burguesia distinguindo-se social e racialmente das classes populares, uma vez que esta, formada por negros e pobres, não estariam aptas para a moderna prática esportiva. Com as modernas práticas esportivas, buscava-se, para além de uma atividade física moderna e civilizada, uma distinção social e racial.<sup>4</sup>

No entanto, o futebol passa por um intenso processo de apropriação popular e, a partir da década de 1930, este esporte adquiriu proporções inimagináveis, representando todo o povo brasileiro, em um ideal de nacionalidade. O que era uma prática da elite burguesa, associada ao seu projeto de modernização, tornou-se popular, constituindo-se, juntamente com o samba, em um forte elemento da identidade brasileira, o que foi de grande valia para os interesses do populismo, projeto político que começava a se consolidar no Brasil, sobretudo na figura de Getúlio Vargas.

No governo de Vargas, a construção da nação e da nacionalidade brasileira era a prioridade sempre presente, que estimulava e justificava todas as realizações do Estado. Para o governo Vargas, a formação da grande nação brasileira era uma dever patriótico de todos.<sup>5</sup>

O futebol, inserido em uma conjuntura política populista, foi um grande aliado das em praticamente todos os governos de 1930 a 1960. Sendo o Brasil uma das nações mais potentes no futebol, tendo conquistado a copa do mundo de 1958, o futebol serviu como um elemento de unificação nacional, afirmando a “força” e o “desenvolvimento” do país, que contava com uma idéia de identidade unificada e consolidada, abarcando aspectos culturais da raça branca e negra em uma mistura harmoniosa, resultando na própria força do país.<sup>6</sup>

Este contexto da primeira metade do século XX será responsável por diversos conflitos, rupturas e resistências do ponto de vista econômico, social e cultural no Brasil. Se no início do século XX era visível um projeto político burguês de

---

<sup>3</sup> SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. S. Paulo: SENAC, 1997, p. 107.

<sup>4</sup> FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. “Fazendo fita”: *cinematógrafo, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930*. Salvador: EDUFBA, 2002, p. 59.

<sup>5</sup> COSTA, Maurício da S. Drumond, *Os Gramados do Catete: Futebol e Política na Era Vargas (1930-1945)*. In: SILVA, Francisco e SANTOS, Ricardo (Org.). *Memória Social dos Esportes: Futebol e Política: A construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2006, p. 108.

<sup>6</sup> Gilberto Freyre defende a idéia de um povo brasileiro que reúne elementos da raça branca e negra, formando uma raça harmoniosa. Sobre: FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 21 ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1981.

modernização, envolvendo todos os aspectos socioculturais da sociedade, nos seus meados é nítido o processo de apropriação popular pelo quais os elementos culturais ditos de elite passaram em prol de um projeto político populista. Este processo de construção da identidade nacional também buscava os elementos culturais das classes populares, que até então resistiam à homogeneização dos valores burgueses, visando a criação de uma identidade nacional.

Pensando nesta perspectiva de trocas culturais que envolvem o recorte temporal da primeira metade do século XX, mais precisamente entre 1931 e 1960, insere-se o Esporte Clube Bahia. Fundado em primeiro de janeiro de 1931, resultado da união de jogadores que recentemente haviam saído do Clube Bahiano de Tênis e da Associação Atlética, o Bahia começou como um clube de elite.

No entanto, nos seus primeiros 30 anos de existência, o Bahia rapidamente se torna um clube popular, de massa. O ápice de sua popularização ocorre em vinte e nove de março de 1960, quando o time vence a Taça Brasil, o primeiro campeonato brasileiro de futebol, contra o Santos Futebol Clube, time que contava com Pelé, ídolo nacional, em pleno Maracanã. A chegada do Bahia à Salvador, como noticiaram dois dos grandes jornais baianos, o *Diário da Bahia* e o *A Tarde* foi uma verdadeira apoteose, um carnaval fora de época. Milhares de pessoas foram saudar o novo campeão nacional. Os jogadores foram ovacionados pela torcida, que fez uma verdadeira festa na Rua Chile. O carnaval fora de época ainda contou com a presença das maiores personalidades políticas da Bahia, como o prefeito de Salvador, Heitor Dias, o governador da Bahia, Juracy Magalhães e o deputado federal Antônio Carlos Magalhães.

### Esporte Clube Bahia: Entre a Elite e o Popular:

Assim como a maioria dos clubes fundados na primeira metade do século XX o Bahia começou como um time de elite, sendo fruto da junção dos jogadores dos principais clubes da Bahia, a Associação Atlética da Bahia e do Clube Bahiano de Tênis, que passariam a se dedicar a outras atividades. O *Diário da Bahia* noticiou:

Corre com insistência nas rodas esportivas que antigos elementos da Associação Atlética da Bahia e do Clube Bahiano de Tênis pretendem fundar dentro de poucos dias o Atlético-Bahiano F. C. que representará no Campeonato Bahiano de Futebol de 1931, os Campeões de 1924 e 1927. A ser verdade este fato, está de parabéns o esporte baiano por contar com mais um Clube para disputar o Campeonato da Cidade.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Jornal *Diário da Bahia*, 07/12/1930.

Inserido em uma conjuntura em que o futebol na Bahia era praticado predominante pela elite soteropolitana, o Bahia não fugia desta regra. O clube foi fundado por filhos de grandes comerciantes e profissionais liberais como advogados e médicos de Salvador. No princípio não havia negros no clube. Entre os dirigentes e os jogadores do primeiro time do Bahia destacavam-se Rubem, ponta esquerda, e Fernando Tude de Sousa, primeiro secretário do Bahia, ambos estudantes de medicina. Os outros jogadores e funcionários do Bahia eram banqueiros, jornalistas e comerciantes. A maioria dos jogadores moravam nos bairros da classe alta soteropolitana, como o bairro da Graça e o da Vitória.

É importante salientar que neste período o futebol é caracterizado pelo amadorismo. O futebol, para os jovens da elite burguesa soteropolitana, era encarado como uma diversão, um lazer. Durante a semana, os jogadores, não só do Bahia como dos outros clubes baianos, dedicavam-se as suas profissões ou aos estudos, reservando um dia na semana, geralmente a quarta ou quinta feira, para treinar e o domingo para jogar. Os jogos eram sempre marcados por uma torcida elegante e disciplinada. Os pais, namoradas e parentes dos jogadores frequentemente reservavam o domingo para ver aos jogos vibrando moderadamente. Os jogos eram realizados no campo da Graça, onde a torcida sempre elegante comparecia com seus carros de luxo. Nota-se que o campo da graça localizava-se em uma das regiões mais nobres da cidade. Atualmente o bairro da Graça é composto pelas elites soteropolitanas.

Logo em sua primeira participação em um campeonato, o Torneio de Início de 1931 o Bahia sagra-se campeão em uma competição marcada pela elegância, bem como o cavalheirismo da torcida e dos jogadores presentes, como noticiou o *Diário da Bahia*:

Sejam as nossas primeiras palavras de vivas congratulações com os esportistas baianos pela brilhante festa de ante-hontem, no stadium da Graça, onde felizmente não faltaram a disciplina o cavalheirismo e o ardor pela defesa dos pavilhões dos clubes contendores. De ha muito não assistimos um Torneio Início tão empolgante, com jogos cheios de lances admiráveis, equilíbrio entre os disputantes e principalmente uma “torcida” moderada, com applausos geraes ás melhores jogadas.<sup>8</sup>

Nota-se que estas características noticiadas pelo jornal são típicas de uma idéia de futebol como prática disciplinadora e que serviria como lazer para a burguesia. O futebol neste contexto, associado à idéia de cavalheirismo e disciplina, também contribui para o ideal de civilidade almejado pelas classes burguesas. Esse cavalheirismo marca profundamente as relações que se estabelecem entre as elites na

---

<sup>8</sup> Jornal *Diário da Bahia*, 03/03/1931.

prática do futebol. Não raramente, os jogadores ao cometerem alguma falta, pediam excessivas desculpas ao adversário. Em alguns casos, ocorriam atos extremos de demonstração da civilidade e cavalheirismo, como se vê no caso do jogador Bitonho. Em 3 de julho 1934, terceiro ano de fundação do Bahia, este jogador, com o nome de José Fernandes Costa, comete suicídio por agredir um árbitro:

Perde o Bahia um dos seus melhores atletas, Bitonho que suicidou-se envergonhado por ter agredido o Juiz no jôgo de ontem. O Bahia tomou luto por 3 dias. Ofereceu linda capela de flores comparecendo a sua diretoria incorporada ao seu enterro José Fernandes da Costa era o seu nome<sup>9</sup>.

No entanto, apesar do futebol e do Bahia serem elementos eminentemente burgueses, as classes populares também vivenciavam esta prática esportiva. Nos jogos realizados no campo da Graça, em Salvador, os pobres, negros e mulatos que não tinha condições de pagar para assistir aos jogos do Bahia e de outros clubes nas arquibancadas, amontoavam-se nos muros, galhos e árvores em torno do estádio para assistir aos espetáculos.

Através desta e outras práticas socioculturais das classes populares é possível perceber um processo de circularidade cultural.<sup>10</sup> O fato do Bahia e o futebol serem constituídas enquanto práticas culturais de uma elite burguesa não impede de outros grupos sociais vivenciarem esta prática de acordo com as representações semelhantes ou antagônicas as pensadas pela elite burguesa. O Bahia, então, em seu princípio, já começava a experimentar um processo de negociações e mediações culturais que contribuiriam decisivamente no seu processo de popularização.

Com o passar dos anos, o clube começa a ter uma repercussão enorme, constituindo-se em um elemento de identificação dos mais distintos segmentos da sociedade soteropolitana. Nos seus jogos, o Bahia conseguia reunir grupos sociais que em outros espaços seria impossível a sua convivência.

O Bahia nos seus trinta primeiros anos de existência conquistou nada menos de trinta e sete títulos entre campeonatos estaduais, regionais, nacionais e até internacionais. Esta estatística surpreendente, com certeza, contribuiu para que outros grupos sociais, diferentes de uma elite, torcessem e se identificassem com o Bahia,

---

<sup>9</sup> MAIA, Aroldo. *A Verdadeira História do Esporte Clube Bahia*, [sd], p. 125.

<sup>10</sup> Sobre a idéia de circularidade cultural, ver: BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC, 1993 e GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

afinal o ser humano estabelece uma profunda relação de identificação com o sentimento da vitória. Enfim, as vitórias e os títulos foram fundamentais no processo de popularização do Bahia.

Outro fator primordial foi a profissionalização do futebol. O amadorismo no futebol foi um grande entrave na inserção das classes populares no esporte. Uma vez que só poderiam entrar nos clubes indivíduos que exerciam uma profissão, pessoas desempregadas ou até com profissões consideradas indignas<sup>11</sup> não poderiam participar dos clubes e times. A profissionalização abriu espaços para que sujeitos socialmente marginalizados pudessem jogar nos clubes. Com isso, negros e pobres poderiam jogar, não só no Bahia como em outros clubes.

Enfim, estes processos históricos, aliados as apropriações políticas que o populismo baiano, encarnados principalmente nas figuras de Juracy Magalhães e Octávio Mangabeira, fizeram do futebol foram fundamentais na popularização do Bahia. Este processo encontrará o seu ápice na conquista do primeiro campeonato a nível nacional, a Taça Brasil, em 1959, enfrentando o Santos, o clube que contava o Pelé, a revelação da última copa do mundo, realizada em 1958 na Suécia. Para se ter uma dimensão do que o Bahia representava para os baianos, o terceiro jogo da semifinal da Taça Brasil entre o Bahia e o Vasco da Gama, reuniu mais de 20 mil pessoas no Estádio Octávio Mangabeira, conhecido como Fonte Nova, como consta no jornal *Diário de Notícias* de 27 de novembro de 1959: “Léo faz vibrar mais de 20 mil pessoas marcando o gol da vitória”<sup>12</sup> Os políticos também se fizeram presentes na vitória do Bahia frente ao Vasco:

O prefeito Heitor Dias se evidenciou pelo carinho com que soube tratar os elementos do Bahia, nunca faltando a sua palavra de incentivo e de confiança. Também ao governador do Estado, sempre esteve a demonstrar o seu aprêço para com os nossos representantes.<sup>13</sup>

Na final contra o Santos decida em três partidas, o Bahia vence o último jogo ocorrido no Maracanã em 29 de março de 1960<sup>14</sup> pelo placar de 3 a 1. Com isso, Bahia

---

<sup>11</sup> O Estatuto da Associação Metropolitana de Esporte Athleticos de 1924 no Rio de Janeiro proibia jogadores que tivessem profissões em que se predomine o esforço físico além da proibição de jogadores que exercessem profissões subalternas como engraxate e motorista. Ver: RODRIGUES FILHO, Mario *O Negro no Futebol Brasileiro*, Rio de Janeiro: Mauad, 2003 e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

<sup>12</sup> Jornal *Diário de Notícias*, 27/11/1959.

<sup>13</sup> Jornal *Diário de Notícias*, 28/11/1959.

<sup>14</sup> Os dois primeiros jogos foram disputados em dezembro de 1959. Ficou decidido que a partida final seria em campo neutro, no Maracanã no ano seguinte. A primeira partida, disputada na Villa Belmiro,

tornou-se o primeiro campeão nacional causando comoção em toda a sociedade baiana, como noticiou o jornal *Diário de Notícias*:

Ao fim do jôgo Carnaval tomou conta da cidade. Mal trilava o apito do juiz dando ponto final ao prélio, as ruas centrais da cidade quadricentenária se povoavam de torcedores do tricolor realizando um verdadeiro carnaval. Bandeiras e flâmulas cruzavam pelas praças, invadindo bares e residências, ao som das estrofes do tradicional hino, num espetáculo emocionante de conquista e entusiasmo. Já foliões incansáveis os torcedores subiam e desciam ladeiras, anunciando para todos os ventos o triunfo de seu glorioso clube. Como que já planejado pelos mais confiantes da vitória, batucadas evoluíam na marcação rítmica da marcha triunfal. E a cidade viveu dentro da noite a mais bela comemoração dos seus 411 anos de existência e tradição. Boca escancaradas de grito e melodia, tambores fortes, mais vibrante e alucinado, um grupo invadiu a redação DN, para comunicar o majestoso acontecimento que glorifica o esporte bahiano e o redime de variados tropeços.<sup>15</sup>

Obviamente que perante uma conquista tão valiosa, não só para o Bahia, mas também para a Bahia, o governador não poderia estar ausente neste momento. Eis uma declaração do Governador Juracy Magalhães após o fim do jogo:

Estou vibrando, como está vibrando nesta hora tôda a Bahia esportiva por êste feito memorável do Bahia, verdadeira glória do esporte bahiano. Parabenido todos o tricolores e de um modo geral ao esporte bahiano que teve no Bahia seu lídimio representante. Além de tudo, o glorioso clube ofereceu o melhor presente que poderia oferecer à extraordinária terra bahiana, na data do aniversário da cidade.<sup>16</sup>

Neste momento já é perceptível como a política tentava se apropriar do Bahia. Governos populistas ao verem a intensa identificação dos torcedores, que já era considerada a maior torcida da Bahia, com o clube não raramente tentavam associar a imagem do seu governo à do Clube. O Bahia, um clube vencedor, tendo conquistado o primeiro campeonato nacional, seria um prato cheio para os políticos associarem a imagem de vencedor do Bahia aos seus governos.

O processo de profissionalização do futebol que foi importante para a popularização do futebol, também já se encontra consolidado. No time campeão de 1960 a maioria dos jogadores do Bahia são negros, com destaque para Biriba, ponta direita do time, cujo seus pais eram pescadores. No que diz respeito a torcida, esta já é bem heterogênea, composta não só pelas elites, mas por populares e negros, que agora podiam freqüentar os estádios.

---

estádio do Santos o Bahia venceu por 3 a 2, o segundo jogo, disputado na Fonte Nova, vence o Santos por 2 a 0.

<sup>15</sup> Jornal *Diário de Notícias*, 30/03/1960.

<sup>16</sup> Jornal *Diário de Notícias*, 30/03/1960.

## Segundo Tempo: O Esporte Clube Bahia e a História Cultural

As discussões historiográficas atuais sobre o conceito de cultura alcançaram limites extraordinários, contemplando em sua modalidade historiográfica as diversas formas de pensar, sentir e representar da sociedade. Se antes a história da cultura era pensada apenas enquanto a história da arte, agora ela está inserida nas mais distintas ações dos indivíduos. Falando, andando ou escrevendo os indivíduos estão produzindo cultura.

Na tentativa de analisar a popularização do Esporte Clube Bahia, com base teórica nos pressupostos da Nova História Cultural, pode-se utilizar de duas noções desta tendência historiográfica.

A noção de identificação, proposto por Stuart Hall, é muito oportuno para compreender o processo de popularização do Bahia. Segundo Hall:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. Assim em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar em *identificação*, e vê-la como um processo em andamento.<sup>17</sup>

A popularização do Bahia envolve processos de identificação que estão em constante formação, relacionando-se com os mais diferentes contextos de ordem geográfica, cultural e social e que de forma alguma suprimem os conflitos que envolvem outras identificações. As formas de estabelecer uma identificação com o Bahia são múltiplas. A formação das identificações em torno do Bahia são historicamente diversas e contextualizadas. A forma como uma elite torce pelo time não necessariamente é idêntica às maneiras de torcer das classes populares. Se nos primeiros jogos, a torcida do Bahia é caracterizada por uma elite comportada, moderada e disciplinada, com, no máximo, ligeiros acenos aos jogadores, nos finais da década de 1950 já se encontra na torcida do clube uma infundável presença de indivíduos que esperneiam, gritam, tocam seus tambores e até brigam com torcedores rivais, num exemplo de dedicação e amor ao clube.

Em fim, as identificações em torno do Bahia são heterogêneas e historicamente construídas. Estas não necessariamente devem ser pensadas como próprias a uma determinada classe ou grupo social.

---

<sup>17</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 38 -39.

A idéia de práticas e representações também se faz necessária nesta pesquisa. Seguindo a noção de Roger Chartier de representação, o torcer pelo Bahia, ir ao estádio, a chacota ao torcedor rival e até os atos de violência seriam, então, práticas culturais que estariam ligadas à representação cultural da identificação com o clube. Relacionando a idéia de representação social com a noção de identificação, vê-se que as representações culturais estão permeadas de contradições e intencionalidades, tanto do ponto de vista cultural como político. Segundo Chartier, através da noção de representação podem-se perceber três modalidades de relação com o mundo social:

De início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas qual a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; em fim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais ‘representantes’ (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da sociedade.<sup>18</sup>

Através da análise destas três modalidades é possível associá-las à popularização do Bahia. Ora, o Clube em seu princípio constituído pelas elites era uma representação de uma maneira própria de ser no mundo, na tentativa de perpetuar este modo de ser. Já no segundo momento, quando o Bahia é um clube de massa, há uma clara intenção, mediada por interesses políticos, de fazer do Bahia a representação de outros modos de ser, significando simbolicamente outros estatutos e outras posições diferentes ou semelhantes a um primeiro momento, quando o Bahia era constituído pelas elites. Assim, ficam claras as contradições existentes nas representações e práticas culturais.

No entanto, como ficam as classes ou grupos sociais que não estão inseridos nestes modos de se representar no mundo? Ainda nas três modalidades Chartier explica:

Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido á representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade.<sup>19</sup>

Pensando nesta perspectiva, as classes e grupos sociais que se tentavam marginalizar nos primórdios da fundação do Bahia, resistiam a estas marginalizações

---

<sup>18</sup> CHARTIER, Roger. O Mundo Como representação. *Estudos Avançados*, 11 (5), São Paulo, 1991, p. 183.

<sup>19</sup> Ibid, Idem.

apropriando-se e ressignificando a representação do Bahia. Encarando o Bahia como um texto, nota-se que este é passível de múltiplas leituras de acordo com as subjetividades culturais dos indivíduos que o lêem. Essas leituras sobre o Bahia não necessariamente convivem em harmonia. Em fim, o que ocorre é uma verdadeira relação de poder imbricada em uma luta de representações, fruto das diversas leituras.

## Referencias Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. O Mundo Como representação. *Estudos Avançados*, 11 (5), São Paulo, 1991.
- COSTA, Maurício da S. Drumond, Os Gramados do Catete: Futebol e Política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco e SANTOS, Ricardo (Org.). *Memória Social dos Esportes: Futebol e Política: A construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2006.
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *“Fazendo fita” : cinematógrafo, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897 -1930*. Salvador: EDUFBA, 2002.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 21 ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1981.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana: Salvador, 1912-1916*. Salvador, 1996. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1996.
- MAIA, Aroldo. *A Verdadeira História do Esporte Clube Bahia*, [sd]
- MENDES Júnior, Nestor. *Esporte Clube da Felicidade: Bahia – 70 anos de Glórias*. Salvador: Mir Comunicação, 2001.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES FILHO, Mario *O Negro no Futebol Brasileiro*, Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

REIS, Normando. *Bahia, Uma História de Lutas e Glórias*, Salvador: Contexto e Arte, 2001.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. S. Paulo: SENAC, 1997.